

Hiperinflação: cruzados no bolso. E nada para comprar.

O cenário, desenhado por alguns economistas, de um País vivendo uma economia em estado de hiperinflação não faz inveja a ninguém. Tanto Elói Cirne de Toledo, economista da USP, quanto Eliana Guimarães, vice-presidente da Ordem dos Economistas, afirmam que a hipótese de o Brasil nos próximos meses de fato perder o controle sobre seus índices de inflação só pode ser avaliada no âmbito de muita dramaticidade. Uma guerra econômica onde o dinheiro, no caso o cruzado, seria visto como o maior e único inimigo.

Mais ou menos como ter em mãos toneladas de cruzados e não ter a possibilidade de adquirir sequer o leite suficiente para o sustento das crianças. Isso porque uma economia em estado de hiperinflação — índices superiores a 50% no mês — deixa de ter a moeda nacional como instrumento de troca. Assim, uma dona de casa nas suas

compras de supermercado utilizaria em vez do cruzado o dólar, o iene ou o marco alemão. Se não dispusesse dessas moedas, seria aconselhada a procurar o cambista para a conversão. Se esse cambista não estivesse presente nas proximidades desse supermercado, a dona de casa só conseguiria passar pelo caixa se pagasse em cruzados uma conta calculada em dólar na cotação do momento.

Isso, claro, na melhor das hipóteses. Na pior — e aí tanto a Alemanha em 1922, Hungria em 1945, China em 1947 e Bolívia em 1984 servem de exemplos a serem lembrados —, essa dona de casa não encontraria o supermercado aberto. O raciocínio, nesse caso, é simples: para que produzir, vender e receber cruzados, se essa moeda não compra nada? De acordo com os economistas, a estocagem de produtos e matérias-primas seria, portanto, buscada tanto

pelos agentes responsáveis pela produção (empresários) quanto pelos consumidores.

A ausência do poder de compra do cruzado, de outra parte, desencadearia verdadeira fuga dos ativos financeiros — poupança, fundos de renda, **over** etc — para ativos reais (imóveis, ouro, dólar). De acordo com Cirne de Toledo, essa fuga se justificaria na medida em que a correção monetária garantida nos ativos financeiros não seria suficiente para recompor o poder de compra do cruzado. O desemprego, a fome, o aumento da violência e a criminalidade são também outras conseqüências apontadas. Isso porque os salários seriam substituídos por vales-mercadorias que seriam disputados como água no deserto. Foram situações como essas que no início do século abalaram as economias da Alemanha, Hungria e China, e que há quatro anos desestruturaram a Bolívia.

Salete Lemos